



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador Jaques Wagner

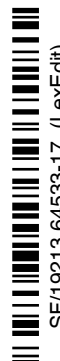
REQUERIMENTO Nº DE

Senhor Presidente,

Requeiro, nos termos do art. 50, § 2º, da Constituição Federal e dos arts. 216 e 217 do Regimento Interno do Senado Federal, que sejam prestadas, pelo Senhor Presidente do Banco Central do Brasil, Roberto Campos Neto, informações sobre o preocupante cenário de deterioração da situação externa brasileira, em especial da nossa conta corrente, que resume as transações de bens e serviços e a transferência de rendas, tendo em conta que apresenta déficit de US\$ 34 bilhões neste ano, segundo dados do Banco Central do Brasil até setembro de 2019, bem como da redução em cerca de US\$ 20 bilhões das nossas reservas internacionais até novembro deste ano.

Nesses termos, requisita-se:

1. O Banco Central alega que não haveria demanda para swaps cambiais no mercado. Quais as evidências que comprovam essa afirmação?
2. Qual seria o custo fiscal se o mesmo montante em leilão à vista de dólares tivesse sido oferecido em swaps cambiais? Esse montante seria maior ou menor ao valor de US\$ 25 bilhões de dólares na cotação do dólar de hoje?
3. Qual a estimativa da desvalorização cambial evitada por meio dos leilões de dólares à vista?



JUSTIFICAÇÃO

Assistimos hoje com apreensão a deterioração da situação externa brasileira. A nossa conta corrente, que resume as transações de bens e serviços bem como a transferência de rendas, apresenta déficit de US\$ 34 bilhões neste ano, segundo dados do Banco Central do Brasil até setembro de 2019. Ou seja, somente esse valor já é superior ao déficit do ano passado inteiro, que foi de US\$ 22 bilhões. Esse dado é preocupante na medida que essa redução se deu na queda das exportações, que se reduziram em US\$ 10 bilhões comparando iguais períodos entre 2019 e 2018. Outro dado que nos revela uma deterioração da situação externa são os investimentos diretos no país: enquanto até setembro do ano passado o Banco Central havia registrado o ingresso de US\$ 54 bilhões em investimentos diretos no país, em 2019 foi registrado o ingresso de US\$ 48 bilhões, ou seja, redução de US\$ 6 bilhões. Esses números refletem, de um lado, a turbulência internacional decorrente da instabilidade política da América Latina e da guerra comercial entre China e EUA, e de outro lado, da contínua deterioração da estrutura produtiva brasileira e da turbulência política produzida pelo próprio governo afugentando investidores estrangeiros.

Nesse cenário, a nossa taxa de câmbio desvalorizou-se em 9% e ultrapassou a máxima histórica de 4,20. Esse cenário de desvalorização não é particular do Brasil, já que no restante dos países emergentes tendência semelhante é observada. Um grande trunfo do Brasil, nessa conjuntura, é o seu montante de reservas acumulado nos governos do PT, que assumiu o país com US\$ 38 bilhões de reservas e saiu do governo com US\$ 360 bilhões em reservas. Esse colchão de liquidez de divisas é um seguro do Brasil para o enfrentamento de crises internacionais. A partir dessa maior segurança, o Banco Central passou a intervir no mercado cambial, em momento de pressões para saída de dólares, por meio do swap cambial. Este mecanismo garante, a um custo fiscal dado pela diferença entre a variação cambial e a taxa Selic, que se atenda a demanda por dólares sem reduzir

as reservas internacionais. Contudo, desde agosto de 2019, o Banco Central voltou a operar no mercado cambial por meio do leilão de dólares a vista, reduzindo com isso a posição de reservas internacionais do Brasil. Somente entre 21/08/2019 e 18/11/2019, foram registradas a venda de US\$ 25 bilhões em reservas por meio dessas operações. Isso se refletiu no estoque total de reservas num declínio de US\$ 21 bilhões, resultando em reservas no valor de US\$ 367 bilhões. Se seguir nessa média em dias úteis de leilão de divisas, o Banco Central venderia cerca de mais US\$ 12 bilhões até o final do ano. Mesmo com essa intervenção, no período de volta do leilão de dólar a vista, a taxa de câmbio se desvalorizou em 4%.

Cumpramos observar que embora o Banco Central realize simultaneamente uma operação de swap cambial reverso, onde o custo fiscal se dá pela diferença entre a taxa Selic e a variação do dólar, e sinalize não mudar sua posição de reservas líquidas de swap cambiais, esse raciocínio é errôneo na medida que o swap cambial reverso não corresponde a uma transferência de fato de divisas para o Banco Central, mas apenas o equivalente em reais da desvalorização cambial descontada da taxa Selic. Dito de outra forma, nosso colchão de reservas não se beneficia do swap reverso e somente é reduzido pela venda de reservas. Acrescente-se à essa discussão a informação mencionada no passado pelo Ministro Paulo Guedes de que o Banco Central iria promover a venda de reservas como forma de diminuição da dívida pública. A troca do leilão de swaps cambiais pelo leilão de dólar a vista pode sinalizar essa intenção. No mesmo período que o Banco Central liquidou US\$ 25 bilhões em reservas à vista, os leilões de swaps cambiais foram de US\$ 8 bilhões. Vale notar que em momentos de estresse cambial no passado o Banco Central chegou a operar cerca de US\$ 900 milhões diários em swaps cambiais. Ou seja, é clara a mudança de estratégia do Banco Central. Nesse sentido, o Banco Central, em alinhamento com o Ministro da Fazenda, sinaliza uma estratégia de liquidação do nosso colchão de reservas como estratégia de redução da dívida pública. O governo arrisca, num cenário crítico do setor externo

como já mencionado, a sua segurança externa visando um esforço fiscal muito questionável. O caso da nossa vizinha Argentina, que sob a presidência de Macri optou por se endividar em dólares, e hoje está submetida mais uma vez ao Fundo Monetário Internacional, deveria servir como exemplo aos nossos governantes. A menos que a ideia seja mesmo voltarmos para a submissão ao FMI.

Sala das Sessões, 20 de novembro de 2019.

Senador Jaques Wagner
(PT - BA)